

# DESACELERAR OS PASSOS, RESISTIR À POSITIVIDADE: CHAGAS DA PSICOPOLÍTICA EM *INFERNO*, DE PEDRO EIRAS

## SLOWING DOWN THE STEPS, RESISTING TO POSITIVITY: WOUNDS FROM PSYCHOPOLITICS IN *INFERNO*, BY PEDRO EIRAS

*Paulo Alberto da Silva Sales<sup>1</sup>*

---

### RESUMO

Partindo da reflexão de Byung-Chul Han a respeito da psicopolítica como a nova ordem contemporânea, que rege a “sociedade do cansaço”, apresentamos a leitura de alguns poemas do *Inferno* (2022), de Pedro Eiras. Ao descrever diversos cenários da vida urbana hiperacelerada e hiperconectada, o sujeito lírico passa a caminhar entre seus semelhantes e, todos juntos, sentem-se oprimidos pelo excesso de positividade imposto pelo *big data*. Ao transitar por diversos não-lugares, o poeta apresenta uma postura crítica, de acentuada preocupação ética, em relação aos impactos subjetivos do neoliberalismo. Por fim, concluímos que nos trinta e três cantos híbridos do *Inferno*, a contradição presente nos versos atrita com a anulação da subjetividade ao propor, por meio da experiência temporal gerada pela poesia, o intervalo, a intimidade e o tédio profundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia portuguesa contemporânea. Pedro Eiras. Psicopolítica. Positividade. Desaceleração.

## ABSTRACT

Starting from Byung-Chul Han's reflection about psychopolitics as the new order of contemporary era, which governs the "burnout society", we do a reading of some poems of **Inferno** (2022), by Pedro Eiras. In describing various scenarios of hyper-accelerated and hyperconnected urban life, the lyric subject starts to walk among his peers and, all together, they feel oppressed due to the excess of positivity imposed by big data. By transiting through different non-places, the poet presents a critical stance, with marked ethical concern, in relation to the subjective impacts of neoliberalism. Finally, we conclude that in the thirty-three hybrid cantos of **Inferno** the contradiction present in the verses causes friction with the annulment of subjectivity by proposing, through the temporal experience generated by poetry, the gap, intimacy and deep boredom.

KEYWORDS: Contemporary Portuguese poetry. Pedro Eiras. Psychopolitics. Positivity. Slowdown.

A psicopolítica digital transforma a negatividade da decisão livre na *positividade de um estatuto de coisas*. A própria *pessoa* se positiva em *coisa*, que é quantificável, mensurável e controlável. Nenhuma coisa porém é livre: todavia, é *mais transparente* do que uma pessoa. Os *big data* anunciam o fim da pessoa e do livre-arbítrio  
(Han, 2018, p. 23, grifos do autor).

E perdidos tropeçamos no eco dos passos  
quando a luz declina na dobra das janelas,  
se os vidros guilhotinam as fachadas das casas,  
já nada presta atenção ao próprio nome,  
já tudo vive de nomes emprestados,  
já ninguém sabe que nome tem  
(Eiras, 2022, p. 7).

Uma das linhas de força da lírica portuguesa recente está vinculada à determinada perspectiva ética de um grupo de poetas que começa a publicar nos anos 2000. Em algumas dessas vozes recentes, há uma partilha de afetos na escrita de poesia, sobretudo relacionada à percepção dos problemas sociais que acometem os sujeitos na contemporaneidade. Há, nessas poéticas, a partilha de sentimentos entre o poeta e os demais sujeitos, que são comandados pelas virtualidades digitais. Sobretudo na poesia de Pedro Eiras, mais especificamente em **Inferno** (2022), os cantos que compõem o livro — para além da intertextualidade direta com o tríptico de Dante — apresentam um poeta que está a caminhar pela multidão e que compartilha

com os sujeitos citadinos os problemas que afligem a todos. Poeta e indivíduos estão presos nas virtualidades da vida hiperacelerada e hiperconectada da contemporaneidade.

As camadas do inferno contemporâneo de Eiras são apresentadas por meio de diversas alegorias virtuais, em que todos estão conectados por *hiperlinks* e por diversas redes de dados móveis. Por meio das imagens criadas pela leitura dos poemas, podemos relacioná-las às chagas da chamada “sociedade do cansaço”, indagada por Byung-Chul Han (2017). Na perspectiva filosófica do Sul-Coreano, a estafa característica da sociedade contemporânea é um abatimento solitário, fruto do autogerenciamento de si, já que “[...] a sociedade do desempenho e a sociedade ativa geram um cansaço e esgotamento excessivos. Esses estados psíquicos são característicos de um mundo que se tornou pobre em negatividade e que é dominado por um excesso de positividade” (Han, 2017, p. 70).

De forma análoga, no **Inferno** de Pedro Eiras deparamo-nos com uma paisagem urbana lúgubre na qual os sujeitos estão afetados pelo excesso de positividade, bem como estão perdidos, sem perspectivas e sem individualidades. Estão todos exauridos e estão a trombar uns com os outros nos diversos não-espacos da *polis*. Todavia, os indivíduos estão conectados às redes de dados móveis e estão a interagir com aplicativos em seus “telemóveis”. Outros estão a utilizar os *notebooks* conectados à *web* com transmissões via *skype*, bem como se movimentam nas avenidas e nas ruas por *gps*. Esses diversos dispositivos *high tech* trazem uma falsa sensação de liberdade aos indivíduos, já que exigem a velocidade e a superficialidade das relações humanas. Guiados por diferentes aparelhos que “facilitam” os afazeres do dia a dia, esses homens e mulheres foram contagiados por uma demanda interna sem limites, cujo resultado é a exaustão do espírito e a falência da alma. O canto I apresenta elementos do cenário urbano esfacelado pelo qual o poeta irá percorrer e, então, ele passa a narrar os diversos estados das almas desoladas com as quais se depara:

Malgrado os mapas, as cartas astrais,  
as sondas imponderáveis  
vertidas nas veias,  
e o satélite oracular  
que aconselha  
os nossos passos,

cursor na grelha das ruas,  
seta da nossa  
sombra

malgrado o sinal,  
já descontados os efeitos  
da relatividade

num síncrono *gps*,  
instantâneo tradutor  
de mundos pentecostes,

malgrado já nunca ser noite,  
se os candeeiros cegam  
numa prótese de sol,

malgrado a voz que nos indica o destino,  
e na planilha desenha  
o mais perfeito caminho,

legendas, lembranças, semelhanças,  
desperdício da luz repartida  
na longitude dos dias,

chega sempre um instante, nas nossas vidas,  
em que todos  
nos perdemos  
(Eiras, 2022, p. 5-6).

Nessa cena do inferno psicossocial contemporâneo, destacamos a repetição da preposição “malgrado” em quatro estrofes, cuja ideia opositiva e concessiva reforça a ideia de

Han a respeito de uma ampla rede invisível instaurada pela psicopolítica. Essa mesma conjunção expressa a ideia contrária de auxílio que tais aplicativos e objetos poderiam oferecer aos sujeitos e ao poeta. Ao contrário, esses apetrechos massificam a todos e aniquilam as suas subjetividades. Essas diversas ferramentas e dispositivos digitais elencados, tais como os mapas, os satélites, as cartas astrais, os cursores, as setas, os *gps*, as planilhas e as legendas, automatizam a vida cotidiana e levam à exaustão os sujeitos que não têm espaços de escolha. Além disso, as imagens da sonda vertida em veia, bem como as dos candeeiros que cegam numa prótese de sol, podem ser relacionadas a um cansaço alienante típico do paradigma neuronal indagado por Byung-Chul Han. Essa perspectiva da autoexploração do sujeito presente no verso “malgrado já nunca ser noite, / se os candeeiros cegam” conduz a um fim que pode ser comum a todos: a depressão. Já na última estrofe do canto I, constatamos o sentimento de não pertencimento e de incerteza do sujeito lírico sobre os caminhos que deve tomar, já que se encontra perdido nos hiperespaços urbano-virtuais. Ainda no primeiro canto, podemos relacionar a imagem das planilhas — que podem ser as do *excel* — à lógica do capitalismo tardio, que exige alto desempenho e controla os indivíduos sob diversas órbitas.

Partindo da perspectiva da psicopolítica de Han, podemos ler os poemas de Eiras como distópicos. Trata-se de uma poética do desencanto e da não salvação do homem frente à hiperatividade que lhe é exigida cotidianamente. Seu livro, embora apresente intenso hibridismo de formas,

dicções e diálogos intertextuais, vale-se de diferentes estratégias de escrita — sobretudo por meio de uma ironia que entra em atrito com o mundo — para representar o *nonsense* da vida atribulada no século XXI. Eiras se posiciona contra essa hiperaceleração e, por sua vez, cria em sua poesia uma rede de afetos ao trazer para o espaço do poema críticas aos avanços tecnológicos que passaram a dominar o destino de todos, agora, adoecidos e sem individualidades. Várias doenças da era da cibercultura podem ser relacionadas à escatologia de nossa era, que é entendida por Han (2018) como a era da positividade, uma vez que

hoje, caminhamos para a era da psicopolítica digital, que avança da vigilância passiva ao controle ativo, empurrando-nos, assim, para uma nova crise da liberdade: até a vontade própria é atingida. Os *big data* são um instrumento psicopolítico muito eficiente, que permite alcançar um conhecimento abrangente sobre as dinâmicas da comunicação social. Trata-se de um *conhecimento de dominação* que permite intervir na psique e que pode influenciá-la em um nível pré-reflexivo (Han, 2018, p. 23, grifos do autor).

Os vários infernos artificiais apresentados pelo poeta são descritos como espaços urbanos nos quais os indivíduos vivem sob uma violência sistêmica que é inerente à globalização. No entanto, ao se situar entre os transeuntes, a voz lírica se manifesta descontente com os cenários pelos quais percorre, o que revela uma questão ética que exige ser refletida em toda a sociedade, sobretudo pelo viés crítico em relação às imposições da lógica neoliberal do desempenho e do comando das vidas de toda a gente pelos algoritmos. O canto VI descreve bem esse mapeamento virtual urbano:

E aqui moram os desesperados  
que aprenderam a respirar  
fora de água.

À primeira vista, são  
como qualquer pessoa:  
nos cafés, consultando  
telemóvel, trocos, linhas da fortuna,  
dando a vida de barato  
em troca de noites sem susto,  
menos passos à volta do poço,  
um esquecimento mais dócil.  
Por dentro, retalham  
jugulares, retinas, o nome próprio  
num derrame de sonos.

O que para o outro é turismo  
no País das Maravilhas  
aqui monta a instável morada  
do corpo, intervalada  
com estâncias de hospital, paredes altas,  
janelas altas, copas das árvores

recortadas contra  
altas noites,  
gradeamentos, comprimidos, rondas entre  
quatro muros,  
sapatilhas sem atilhos  
(Eiras, 2022, p. 22).

Os “desesperados”, na voz do poeta, “são como qualquer pessoa” e estão em lugares de partilha. Nos “cafés”, que deveriam ser recintos de encontro, tornaram-se lugares nos quais os sujeitos estão apenas interessados em “postarem” suas vontades de suas realidades virtuais em seus *smartphones*. Contudo, pode-se deduzir, pelos versos, que esses mesmos sujeitos, por dentro, estão a retalhar “jugulares” de seus semelhantes para conseguir *likes* em suas postagens nas redes sociais. Enfim, os “hospitais” e “os comprimidos” que cercam esses mesmos indivíduos refletem o descontentamento do poeta que vivencia a degradação dos semelhantes ao seu redor. Esses espaços, que formavam o “país das maravilhas” somente na visão dos “turistas”, perderam sua identidade em prol de interesses rentáveis. Nesse canto em específico, nota-se como Eiras possibilita seus leitores a pensarem criticamente sobre os malefícios do mundo digital e globalizado. A contrapelo, o longo poema, ao trazer imagens comuns da era digital, induz os leitores à pausa e à desaceleração. A esses últimos, a reflexão sobre os “vales” do inferno contemporâneo pode servir como um alerta à virtualização da vida pouco afetuosa e regida pelos ideais neoliberais.

Ao continuar sua caminhada, o poeta percorre por diversos espaços citadinos comuns de partilha — avenidas, ruas, cafés, praças — onde não se percebe uma vivência ou uma história. Há uma desfiguração dos lugares nas cenas urbanas cotidianas, cuja ironia se circunscreve, nessas cenas, por meio das críticas à expansão mercadológica da cidade. O sujeito poético, ao cruzar pelos diversos ambientes e ao se deparar com gentes e paisagens mórbidas, é afetado pelos mesmos problemas. A esse respeito, sobre a sintomática percepção de algo invisível que contamina a todos e que é inerente à psicopolítica, o canto VIII expõe a vulnerabilidade dos indivíduos que vivem sob diversas formas de violência neuronal não perceptível, não palpável e que os cega:

O que vemos é terrível.  
Mas é muito pior  
o que não vemos,  
porque nem sabemos  
o que não vemos.

Porque os telescópios, os microscópios  
deixam ver  
o distante  
e o pequeno;  
porque inventámos instrumentos  
para ver o que sabemos

que não víamos,  
mas nenhum para ver  
o que não sabemos  
que não vemos.

Porque ninguém conhece a sua cegueira,  
senão demasiado tarde, quando  
o incêndio apagou,  
o vento enterrou as cinzas,  
e já ninguém sabe onde isto tudo aconteceu.

Mesmo o que vemos  
desgastamos; por lapso,  
por incúria, destruímos;  
e também porque estragar, ao fim e ao cabo,  
nos distrai.  
Mas muito mais destruímos  
o que não vemos,  
porque não o vemos, e  
nem sabemos que destruímos.

E não ver não nos torna  
inocentes;  
porque deveríamos ver o que não vemos,  
porém não vemos  
o que não vemos  
(Eiras, 2022, p. 29-30).

Assim como na poesia de Eiras, essas questões também estão sendo pensadas por outros poetas-críticos<sup>2</sup> que se colocam contra a nova ordem vigente. Herdeiros de forma indireta da dicção lírica portuguesa iniciada nos anos 1970 por Joaquim Manoel Magalhães — cuja poética trata a todo o tempo sobre a massificação dos desejos e as vivências do corpo — alguns poetas que começaram a publicar no século XXI, tais como o próprio Pedro Eiras e seus contemporâneos Manuel de Freitas, José Miguel Silva, Golgona Anghel, Pedro Mexia, dentre outros —, trazem a ideia de um certo “realismo” na poesia portuguesa recente.

O poeta se reconhece, nesse tipo de poesia, como um sujeito que também está deslocado nesses lugares sem identidade e apresenta sentimento de descontentamento frente às exigências impostas pelo consumismo desenfreado e pela aceleração da vida urbana. São poetas que criticam a artificialização da cultura portuguesa no que diz respeito às armadilhas do capitalismo neoliberal, ou seja, são contra a apropriação do espaço urbano tornado mercadoria e que trazem malefícios à vida social. A esse respeito, vale lembrar a imagem do turista que aparece nos poemas de Pedro Mexia, que ocupa o lugar que já pertenceu ao *dandi* e ao *flâneur*. Nessas poéticas recentes, nota-se a narrativização de atos corriqueiros que apresentam léxico trivial muito próximo da linguagem cotidiana. É perceptível uma vontade de comunicabilidade, de estar em conjunto, de ocupar espaços e de partilhar o

“sensível” (Rancière, 2009). Para isso, esses poetas buscam uma aproximação com o leitor e essas formas de aproximação dão-se por meio da partilha de circunstâncias culturais, sociais e vivenciais do desalento social urbano, como se lê em:

Já nos disseram, já nos juraram  
que o mundo é assim, não há nada  
para ver.

Ora, no girar do calendário, o que não falta  
é *peep shows* a encher os olhos;  
e quanto à circulação: não custa circular,  
basta a lei da gravidade para  
animar o andamento,  
custa sim travar  
junto às línguas que desconheces, custa  
não saltar  
na vertigem do vazio.

Se queres romper o ciclo vicioso, não basta  
chorares como um profeta; deves evitar o riso,  
que traz sempre a catarse;  
evita, mais que tudo, vago desporto de  
comentar goleadas, o estudo do mundo, o chá das cinco  
das lamentações: se queres romper  
o ciclo, se queres mesmo  
romper este ciclo,  
renuncia,

renuncia  
(Eiras, 2022, p. 51).

Esses poetas portugueses de linhagem crítica, no que diz respeito à tensa relação entre poesia e globalização, são agudos ao abordarem temas como a exploração do trabalho, a passagem do sujeito — com suas subjetividades — para protótipos sem identidade, além do uso comercial dos lugares, com fins turísticos e rentáveis. A artificialidade e a obrigatoriedade que se faz em cima de determinados comportamentos impostos pelo neoliberalismo aparece, sobretudo, em Manuel de Freitas por meio da “poesia de circunstância<sup>3</sup>”, ou seja, poemas que apresentam uma reflexão atenta às vivências diárias do tempo presente. Ao trazer os problemas do sujeito para o poema, nota-se que a vida não é sublime e não é idealizada o tempo todo<sup>4</sup>. Cada dia é uma circunstância. Além disso, são poemas que buscam a aproximação com o cotidiano e o estranhamento aparece no momento em que os versos aproximam elementos inesperados, quebrando a expectativa (uma figura fora do mundo, externa às coisas do mundo — e coloca-o no lugar da troca, da venda, dos produtos). O problema, nesse tipo de poema, está no entremeio, no atrito entre discursos e valores. E onde fica o poema nessa vida feita de produtos, de produtividade e de hiperaceleração?



Sobre essas questões, Rosa Martelo reflete em **Devagar, a poesia** (2022) os modos de experiência temporal expansiva gerados pela poesia enquanto forma de resistência às diversas imposições inerentes ao tempo presente. Para Martelo, a adoção dos modos de dizer na poesia revela o que somos bem como o que recusamos. Sob um prisma social, somos afetados uns pelos outros e pelos mesmos transtornos comuns que enfrentamos na sociedade do capitalismo tardio. A esse respeito, diz-nos Eiras:

Por incrível que pareça, também existe este desporto: açambarcar  
os erros do mundo, responder pela inconsistência dos outros,  
pelo mal alinhamento galáctico: pensar: «se eu não tivesse dito  
aquela palavra», ou, o que vai dar no mesmo: «se eu tivesse  
falado  
a tempo».

Conceber sempre o pior cenário; prever como, na estrutura  
com-  
pleta da máquina, cada golpe de sorte desencadeia o mal  
maior;  
ser, nas rodas da engrenagem, a pedra suficiente, e protestar se  
ninguém acredita nas aziagas profecias: eis outra forma de  
volú-  
pia, de inferno portátil  
(Eiras, 2022, p. 64).

Esse sentimento de unidade, de comunidade e de ser afetado um pelo outro — e pelos problemas comuns a todos — leva-nos, segundo Jacques Rancière (2009), à integração de um sistema de evidências sensíveis comum aos sujeitos pertencentes a uma mesma comunidade. Diante da partilha de nossas aflições na contemporaneidade, Rosa Martelo (2022) destaca o papel da poesia em interromper o tempo, já que ela pertence à ordem do intervalo. A experiência em escrever e em ler poesia possibilita formas de desaceleração, de lentidão, de intimidade e de singularidade diante da vida apressada que foi institucionalizada como “normal” pelos ideais neoliberais. Em tempos de hiperaceleração, de hipermodernidade, da hiper-realidade e da extrema autoexploração, a velocidade se tornou nosso destino comum, uma vez que

ver à nossa volta tantos sinais de uma aceleração inexorável no sentido da destruição já não reversível do mundo em que vivemos — apenas minorável — não pode deixar de ser paralisante. Mesmo se um dos traços distintivos do nosso tempo é a aceleração. Mas dir-se-ia que estamos paralisados pela aceleração, precisamente, pela cegueira que ela mesma produz; com ressalva de que os seres humanos não formam de modo algum uma categoria homogênea e não estamos todos paralisados da mesma forma nem pelas mesmas razões (Martelo, 2022, p. 196-197).

Já não somos mais cobrados por meios impositivos que nos privavam a liberdade, tal como Michel Foucault (2014) mapeou em sua arqueologia do século XX, sob um paradigma disciplinar que oprimia e castigava os sujeitos. O paradigma da biopolítica apresentada por Foucault — na qual o Estado tinha a tutela sobre a vida e a morte dos indivíduos e que mais tarde seria reformulada por Achille Mbembe (2018) sob o rótulo da necropolítica — passou, no século XXI, a massificar os sujeitos, aniquilando as suas subjetividades. Esse espaço da hipermodernidade faz-nos transitar permanentemente entre os lugares e os não-lugares, o que nos leva a assumir identidades provisórias. Ou, dito de outro modo, o espaço do não-lugar não cria identidade singular, apenas a solidão e a semelhança.

A solidão e a semelhança são as novas imposições da ordem do capitalismo vigente, que institui não mais a negatividade — que era o paradigma disciplinar imposto por meio da opressão nas formas de trabalho contra a liberdade do sujeito do século XX — mas, sim, a positividade como o paradigma do século XXI, que Byung-Chul Han (2017) denominou como sociedade do cansaço. A nosso ver, diferente do que reflete o pensador sul-coreano, o extremo cansaço contemporâneo é o resultado de uma combinação do que ele entende pela virologia que afeta a imunidade — recentemente vivenciado pela pandemia da Sars-Cov-19 — juntamente à extrema violência neuronal, que é instituída pelo excesso de positividade nas diversas formas de trabalho autoexplorado.

Devido à virtualização dos espaços experimentados nos não-lugares, aliada à velocidade e à amplitude das tecnologias de comunicação e de informação, transformamo-nos em uma sociedade “excitada”. A hiperatividade autoexigida pela lógica do desempenho leva ao infarto da alma. E é justamente contra essa hiperatividade desfocada, com a valorização do intervalo, do hiato, que a poesia aparece como meio de resistência ao cansaço alienante que nos separa e nos isola. A esse respeito, o canto XIII do **Inferno** apresenta uma cena de extrema aceleração, no qual uma mulher é cobrada e intensamente monitorada pela sua produtividade, tornando-a empreendedora de si mesmo e levando-a ao infarto da alma:

Esta mulher anda aos círculos  
mas não dá conta:  
é uma lição de verticalidade  
sobre saltos altos,  
agendas em cinco continentes  
por ubíquo *skype*.

Dir-te-á, afastando uma cortina  
de calculada vergonha,  
que lutou muito para chegar  
aonde chegou; mas  
só és digno da confiança  
porque ela primeiro aferiu  
o teu conhecimento

do cinismo,  
aos clubes de que sabes  
a palavra-passe.

Nada de muito óbvio:  
se não serves, ela apenas  
se cala um pouco mais cedo; espreita  
sobre o teu ombro, depois  
começas a sentir-te invisível.

Claro que não chamaria o empregado  
para te pôr na rua,  
e nem sequer te mostra antipatia, porque –  
vou ser sincero —  
tu não existes.

Ela fecha o silêncio  
até o último botão, vira costas  
e afasta-se à procura  
de mais proveitoso simpósio,  
alta e aprumada, sabendo que  
a eternidade depende  
de mais um ou dois centímetros  
nos saltos altos  
(Eiras, 2022, p. 47-48).

A percepção de descontentamento, do mal-estar e das constantes perdas de valores em função do capitalismo tardio se materializam no inferno de Eiras em diferentes circunstâncias e cenários da cidade contemporânea. Nessa cidade, percebemos que as paisagens, ou melhor, as “despaisagens” servem como pretextos para se pensar o fracasso e a anulação diária dos sujeitos. Extremamente distópicas, as ruínas da paisagem urbana aparecem em sua escrita para indicarem a insatisfação do poeta — que está a compartilhar as vivências das pessoas comuns — com a deterioração de valores em uma sociedade consumista e indiferente ao mundo solidário.

Não nos surpreende que alguns livros de poesia recentes, sobretudo como em várias cenas dos cantos do **Inferno**, têm reivindicado a pausa, o intervalo e sobretudo o tédio profundo como formas de combater a hiperceleração e a autocobrança excessiva. A depressão, o transtorno de personalidade, o déficit de atenção e hiperatividade, a síndrome de *burnout*, dentre outras patologias que são as chagas da psicopolítica instaurada no século XXI da qual fala Byung-Chul Han, são representadas nas depredadas cenas urbanas de Eiras. Deparamo-nos com diversas “almas” desinteriorizadas guiadas por panótipos digitais que as coisificaram, tornando-as mensuráveis e quantificáveis. A desaceleração, frente à lógica do desempenho do capitalismo neoliberal, bem como da vida regida pela ordem dos algoritmos é sugerida nas diferentes configurações da escrita poética de Eiras. Essas questões podem ser refletidas na leitura do canto XV:

Não o minotauro — mas o algoritmo —  
compreender-te-á

Porque:

1º) todos os touros foram  
açambarcados,  
pendurados,  
esfolados vivos  
em nosso nome,

Ovídio agora é arrumador de carros,  
está pele e osso, não tem onde  
cair morto;

e por outro lado

2º) o algoritmo  
conhece-te:

ele sabe os nomes mais ínfimos,  
consultas, inquéritos, reservas e compras,  
as dúvidas nunca são resolvidas,  
lentamente esquecidas,  
palavras-passe antigas,  
substituídas;

sabe as datas, os aniversários,  
mesmo o *spam* que nunca foi aberto,  
respostas, reencaminhamentos, o instante preciso  
de um equívoco,  
depois alguém morreu  
e não foste a tempo de pedir desculpa,

mas sobretudo ele sabe  
os teus gostos, preferências, definições avançadas:  
e se fosse um prato de cozinha chinesa?,  
e se fosse um destino de férias?,  
e se fosse uma forma de crime violento?,  
e como gostarias de morrer?  
mais o questionário de Proust,  
e o signo, incluído  
ascendentes, exceções,  
aquela avaliação de Q.I.,  
feita  
um bocado no gozo, para passar o tempo;  
sabe até às vísceras  
o caminho dos dedos na rede do corpo,  
o sentido da vida, o lema secreto,  
as três fobias mais populares, e ainda  
a grelha de detecção de sintomas do transtorno obsessivo-  
compulsivo,

a ainda que não és um *robot*, porque  
identificas sinais de trânsito, caixas de correio, semáforos,  
sabe  
todos os teus gostos, desgostos, e o que te é  
indiferente, irrelevante, ofensivo ou já adquirido,

o esperanto dos teus sonhos,  
as tuas juras em vão,  
os mandamentos traídos,  
as confidências falando do túmulo,

ele sabe, mais do que  
um psicanalista, um confessor, um leitor com  
insónia ideal,  
mais do que um espírita, um mentalista, uma alma gémea,

os segredos de toda a gente,  
em rede, cruzando dados,  
sinais de telemóvel,  
imagens nas câmeras da cidade,  
registros do multibanco:

o algoritmo,  
como outrora Deus,  
sabe tudo,

e compreender-te-á  
melhor do que  
ninguém  
(Eiras, 2022, p. 52-54).

Por hora, fica-nos a inquietação sobre a necessidade de desaceleração que a poesia nos possibilita, bem como à sanidade mental fundamental à vida contemporânea. Ao mapear as diversas chagas de uma vida infernal, cansada, solitária e em *working in progress* no espaço urbano, Pedro Eiras, a partir do diálogo com os títulos da trilogia de Dante, faz-nos decretar, no tempo presente, a urgência da pausa, do hiato e da valorização do ócio e do tédio. Sua poética, então, assume um caráter pedagógico. Ela traz uma lição ética, que nos leva a refletir sobre como funcionam os dispositivos psíquicos de manipulação da nova ordem vigente por meio de uma poesia afetiva.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EIRAS, Pedro. **Inferno**. São Paulo: Assírio & Alvim, 2022.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da Prisão**. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas formas de poder. Tradução Maurício Liesen. Editora Âyiné: Belo Horizonte, 2018.

\_\_\_\_\_. **Sociedade do cansaço**. Tradução Enio Paulo Giachini. Petrópoles: Vozes, 2017.

MARTELO, Rosa. Cartucho e as linhas de renovação da poesia portuguesa na segunda metade do século XX. *In*: MARTELO, Rosa Maria. **A forma informe**: leituras de poesia. Porto: Assírio & Alvim, 2010, p. 155-178.

\_\_\_\_\_. Devagar, a poesia. *In*: \_\_\_\_\_. **Devagar, a poesia**. Lisboa: Documenta, 2022, p. 19-39.

\_\_\_\_\_. Notas para a salvação do mundo. *In*: \_\_\_\_\_. **Devagar, a poesia**. Lisboa: Documenta, 2022, p. 195-212.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução Libby Meintjes. São Paulo: N1 edições, 2021.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. Tradução Mônica Costa Melo. São Paulo: Editora 34, 2009.

*Recebido para avaliação em 07/11/2023.*

*Aprovado para publicação em 16/02/2024.*

## NOTAS

1 Professor de Linguagens no Instituto Federal Goiano, Campus Hidrolândia, Goiás, Brasil, e no PPG em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás, Cidade de Goiás, Goiás, Brasil. Desenvolveu Estágio Pós-doutoral (2021-2023) no PPG em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense, sob supervisão de Ida Alves. Integra o Grupo de Pesquisa Poesia e Contemporaneidade (UFF/CNPq) e o Grupo de Trabalho Texto Poético (ANPOLL).

2 José Miguel Silva, Manuel de Freitas, Golgona Anghel, Pedro Mexia e Pedro Eiras, a nosso ver, são sensíveis à relação poesia e neoliberalismo.

3 O poema é feito porque há uma demanda, ou alguém encomenda ou mesmo porque poeta quer oferecer o poema como um brinde. Camões e outros poetas clássicos pediam que o poema fosse feito e recebiam por isso. Garrett, nos álbuns, fazia poemas que foram feitos para o aniversário e para outras ocasiões especiais. No século XX e XXI, o poema é feito a partir das circunstâncias e da atenção do que permeia a volta do poeta.

4 Referimo-nos a uma tradição da poesia portuguesa contemporânea iniciada com a poética de Joaquim Manuel Magalhães, que destoa da dicção de outras perspectivas poéticas, tais como a de Gastão Cruz, por exemplo. Gastão Cruz era crítico a esse tipo de poesia, chegando a caracterizá-la como de “baixa tensão poética”. Não se trata de qualificar ou desqualificar uma ou outra. Isso se refere às escolhas de cada linha de trabalho que, no caso específico do grupo Cartucho, havia a recusa da metáfora em prol de uma poesia narrativizada. A esse respeito, ver “Cartucho e as linhas de renovação da poesia portuguesa na segunda metade do século XX”, de Rosa Maria Martelo (2010).